



PESQUISA HISTÓRICA: POSSIBILIDADES TEÓRICAS, FILOSÓFICAS E METODOLÓGICAS PARA ANÁLISE DE FONTES DOCUMENTAIS

Ana Maria Rosete Maia¹

Eliani Costa²

Maria Itayra Padilha³

Miriam Süsskind Borenstein^d

RESUMO: Trata-se de um estudo teórico reflexivo que objetivou problematizar os modelos de análise de fontes documentais e as diferentes possibilidades teóricas - filosóficas e metodológicas de utilização na pesquisa histórica, ancorada na nova história.. Apresentamos a discussão do conceito ampliado de fonte histórica, articulando a escolha das fontes/documentos/eventos/acometimentos aos objetivos de estudo. Enfatizamos a importância do protótipo teórico filosófico construído e articulado às evidências do contexto histórico/concepções teóricas/realidade do estudo, direcionando as possibilidades de análise/interpretação e compreensão dos significados e sentidos dos acontecimentos, para a construção de um conhecimento histórico. As conclusões projetam a idéia da necessidade da análise histórica para o campo da pesquisa em direção à construção de um modelo epistemológico que contemple aspectos explicativos, compreensivos e narrativos do discurso histórico fusionado nas múltiplas visões da ciência e nas experiências histórico-sociais/culturais/e políticas de todos os sujeitos, que são ou fazem uma escrita da história.

Palavras Chaves: Pesquisa histórica; Fontes documentais; Historia.

¹ Enfermeira, Professora Departamento de Enfermagem/UFSC, Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Membro do Grupo de Estudos da História e Conhecimento de Enfermagem e Saúde (GEHCES). Email maia@nfr.ufsc.br

² Enfermeira, Mestre em Enfermagem Doutora em Enfermagem pelo PEN/UFSC. Enfermeira do Instituto de Psiquiatria da Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina. Membro do GEHCES. Email elianicostabernardes@hotmail.com

³ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professora Departamento de Enfermagem e do PEN/UFSC. Líder do GEHCES. Email padilha@nfr.ufsc.br

^d Enfermeira Doutora em Enfermagem. Professora do do PEN/UFSC. Vice-Líder do GEHCES. Email miriam@nfr.ufsc.br

HISTORICAL RESEARCH: THEORETICAL, PHILOSOPHICAL AND METHODOLOGICAL POSSIBILITIES FOR ANALYSIS OF DOCUMENTAL SOURCES

ABSTRACT: It is about a reflexive theoretical study that aims to discuss the models of documental sources analysis and the use of different theoretical possibilities - philosophical and methodological in the historical research, anchored in the new history. We presented the discussion of the enlarged concept of historical source, articulating the choice of the sources/documents/events/occurrences to the study objectives. We emphasized the importance of the built and articulated philosophical theoretical prototype to the evidences of the historical context/ theoretical conceptions /reality of the study, addressing the analysis/interpretation possibilities and understanding of the meanings and senses of the events, for the construction of a historical knowledge. The conclusions project the idea of a historical analysis need for the research field towards the construction of an epistemological model that contemplates explanatory aspects, understanding and narrative of the historical speech fused in the science multiple visions and in the social-historical/cultural/and political experiences of all subjects, which are or make the history writing.

Key words: Historical research; Documental sources; History.

INVESTIGACIÓN HISTÓRICA: POSIBILIDADES TEÓRICAS, FILOSÓFICAS Y METODOLÓGICAS PARA EL ANÁLISIS DE FUENTES DOCUMENTALES.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo principal, cuestionar los modelos de análisis de fuentes documentales y las diferentes posibilidades teóricas - filosóficas y metodológicas de utilización en la investigación histórica, amparada en la nueva historia.. Presentamos la discusión del concepto ampliado de fuente histórica, articulando la búsqueda de las fuentes/documentos/eventos/sucesos a los objetivos de estudio. Enfatizamos la importancia del modelo teórico filosófico construido e articulado a las evidencias del contexto histórico/concepciones teóricas/realidad del estudio, direccionando las posibilidades de análisis/interpretación y comprensión de los significados y sentidos de los acontecimientos, para la construcción de un conocimiento histórico. Las conclusiones evidencian la necesidad del análisis histórico en la investigación y específicamente en la construcción de un modelo epistemológico que contemple aspectos explicativos, comprensivos y narrativos del discurso histórico, aplicado en

las múltiples visiones de la ciencia y en las experiencias histórico-sociales/culturales/y políticas de todos los sujetos, que son o hacen la escritura de la historia.

Palabras Claves: Investigación histórica; Fuentes documentales; Historia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A História que significa em grego “ver”, “começou com um relato, a narração daquele que pode ouvir” e vêm mantendo este aspecto de “história testemunho” no processo de seu desenvolvimento^{1: 9}. Porém, assinala o autor, que desde “a antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares” e também ultrapassou as limitações impostas pela transmissão oral do passado.

A constituição de bibliotecas e arquivos e elaboração de métodos de crítica científica vêm conferindo a história, desde o século XVII, o “status” de ciência. O fato de não “existir história sem erudição” vêm sendo questionada no século XX a partir da crítica de noção de fato histórico^{1:9-10}, que é definido como objeto que não é acabado, pois resulta da construção do historiador. Esta crítica também se faz hoje em relação à noção de documento, que por sua vez, o autor refere não se tratar de “um material bruto, objetivo e inocente, mas exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento”.

A História é constituída pela experiência humana vivida integral e socialmente, numa constante contradição de idéias, necessidades e aspirações que se manifestam num movimento de “fazer, desfazer e refazer”. No século XX surgiram novas concepções do conhecimento histórico, refletindo-se em novos caminhos para a pesquisa histórica, através de múltiplas abordagens, problemas, objetos e fontes de pesquisa. Os autores dessas novas concepções, mesmo que não comunguem de uma homogeneidade de idéias e posicionamentos perante a História, alinham-se a uma corrente historiográfica que passou a denominar-se Nova História.

A *nova história* tem uma tradição própria, a dos fundadores da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, editada a partir de 1929, e faz uma crítica à noção de fato histórico, como se houvesse uma “realidade histórica acabada que se entregaria por si só ao historiador”. Os primeiros historiadores dos *Annales* são vistos como responsáveis por uma nova concepção historiográfica, pela ampliação da noção de “fonte histórica”, pela valorização de uma “história estrutural” em oposição à “história factual”, por uma prática interdisciplinar e por uma série de outras contribuições².

Para compreender a nova história, torna-se importante fazer um paralelo do paradigma tradicional da história com a nova história. Este contraste pode ser resumido em seis pontos^{3:10}:

O **primeiro ponto** é que a história tradicional era essencialmente política, relacionada ao estado, mais nacional e internacional do que regional. Já a nova história começou a interessar-se virtualmente por toda a atividade humana, considerando que tudo tem um passado que pode ser reconstruído. Em **segundo ponto**, a história tradicional é considerada pelos historiadores como uma “narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas”. **Terceiro**, a história tradicional oferece uma visão de cima, isto é, a história dos feitos dos grandes homens, sendo que o restante da humanidade foi considerado de menor importância. A nova história é a história das pessoas. O **quarto ponto** consiste no fato de que, no modelo tradicional, as fontes eram constituídas por documentos, registros oficiais que expressam o ponto de vista oficial. A Nova História, além de ampliar o conceito de fontes, de problematizar os objetos de investigação histórica, realiza a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões necessárias e legítimas da análise histórica, e também, critica a noção de tempo e fato histórico, propondo uma história problematizadora e não automática. O **quinto ponto** identificado trata-se do modelo de explicação presente na história tradicional, que tem sido criticado, porque “ele falha na avaliação da variedade de questionamentos” por parte dos historiadores, que na maioria das vezes, estão preocupados com os movimentos coletivos, com as ações individuais, com as tendências e acontecimentos.

Por último, o **sexto ponto**, centra-se no paradigma objetivo da história tradicional, ou seja, neste, “a tarefa do historiador é apresentar aos leitores, os fatos” como aconteceram. Na nova história, os historiadores deslocam o “ideal da Voz da História para aquele da heteroglossia, definida como ‘vozes variadas e opostas’”. A história nova reflete uma possibilidade para se “considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado”^{3:11-2} do que comumente faziam os historiadores na história tradicional.

Este novo paradigma da história possibilitou historicizar novos temas que antes não eram pesquisados e novas metodologias e técnicas para a análise das fontes concorrendo para o melhor desempenho da investigação.

Portanto, considerando as mudanças ocorridas na investigação científica, respaldada por critérios e exigências metodológicas de validade e confiabilidade, bem como a variedade de modelos existentes na pesquisa histórica, este trabalho tem por objetivo, problematizar os modelos de análise documental e as possibilidades teóricas- filosóficas metodológicas utilizadas neste tipo de pesquisa.

ANÁLISE DE FONTES DOCUMENTAIS: POSSIBILIDADES TEÓRICAS, FILOSÓFICAS E METODOLÓGICAS NA PESQUISA HISTÓRICA

A partir da nova história, o território do historiador estendeu-se a tudo o que é perceptível à observação. Destacam que o “historiador relê os documentos de seus predecessores com novos olhos, com nova interpretação e análise”^{4:576}. A história pode ser revisitada obtendo-se novas respostas historiográficas e outros temas podem ser investigados “provando que tudo e todos têm uma história a ser desvendada e reconhecida”.

Este paradigma abre um novo leque para a análise de fontes documentais utilizadas em pesquisa histórica. Nesta, o pesquisador deve não apenas fazer a utilização simples de um modelo de análise, mas buscar uma conexão com a base teórica – filosófica que a constitui. Isto acrescenta à pesquisa um valor positivo, além de possibilitar uma melhor interpretação e compreensão dos significados e sentidos dos eventos e contribui para o desenvolvimento e construção do conhecimento histórico atualizado e real.

A Pesquisa Histórica, como vértice da pesquisa documental, têm como pressuposto de análise, a compreensão dos fenômenos históricos através dos acontecimentos passados. Os Modelos teóricos, filosóficos e metodológicos, que podem ser utilizados na atualidade na pesquisa histórica para a análise, se fundamentam nas ciências sociais, na filosofia, na lingüística e até na psicanálise, o que mais uma vez enfatiza, que sua utilização como modelo de análise dos achados de pesquisa, deve ser escolhida a partir do conhecimento e aprofundamento prévio do pesquisador e das matrizes de conhecimento que o constituem.

Os principais modelos de análise de fontes documentais utilizadas na pesquisa histórica são:

Análise de conteúdo de Laurence Bardin e Análise Interpretativa de Maria Cecília Minayo

A técnica de análise de conteúdo pode ter duas funções: uma de verificação de hipóteses e/ou questões, na qual se busca respostas para as questões formuladas, e também pode confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipótese), e outra de descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está comunicado. Estes dois momentos da técnica na prática podem se complementar.

Na análise do conteúdo de uma mensagem podemos utilizar vários tipos de unidades de

registro que são os elementos obtidos por meio da decomposição do conjunto da mensagem. Pode-se utilizar a palavra como uma unidade, todas as palavras de um texto, ou com apenas algumas que são destacadas de acordo com a finalidade do estudo. A frase ou a oração também são outros exemplos de unidades de registro. Outra unidade é o tema que se refere a uma unidade maior em torno da qual tiramos uma conclusão. Esse tipo de unidade é uma das modalidades mais utilizadas. Ainda podem ser unidades de registro o personagem de uma narrativa, o acontecimento relatado e o documento (livro, artigo, filme, etc.). Essas unidades podem ser combinadas dependendo da natureza do estudo.

Além das unidades de registro, devemos definir as unidades de contexto, situando uma referência mais ampla. Devemos precisar o contexto do qual faz parte a mensagem. Escolhidas as unidades de registro ou de contexto, volta-se para a elaboração das categorias. Portanto, a análise de conteúdo pode abranger as seguintes fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos⁵.

Existe na atualidade uma crítica à análise de conteúdo por entendimento desta ser apenas uma técnica de interpretação de textos, com pouca articulação com os contextos das mensagens veiculadas. Na proposta de Análise de Conteúdo com abordagem Interpretativa Dialética, denominado de Método Hermenêutica - Dialético, a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida⁶. Esta compreensão tem como ponto de partida, o interior da fala, e como ponto de chegada, o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala.

Os pressupostos de análise é a idéia de que não há consenso e nem ponto de chegada no processo de produção do conhecimento, bem como o fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta.

Existem dois níveis de interpretação. O primeiro que deve ser feito é o das determinações fundamentais, ou seja, conjuntura sócio-econômica e política do qual faz parte o grupo social a ser estudado, a história desse grupo e a política que se relaciona a esse grupo. Essas determinações (contexto sócio-histórico) já devem ser definidas na fase exploratória da pesquisa. As categorias gerais são formuladas a partir dessas definições.

O segundo nível de interpretação baseia-se no encontro que realizamos com os fatos surgidos na investigação. É ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de chegada da análise. As comunicações individuais, as observações de condutas e costumes, a análise das instituições e a observação de cerimônias e rituais são aspectos a serem considerados nesse nível de

interpretação.

Os passos para operacionalização da análise hermenêutica-dialética são: a) Ordenação e mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo (transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação participante); b) Classificação dos dados e dos achados. É importante, nesta fase, que o pesquisador tenha clareza de que o dado não existe por si só. Ele é construído a partir de um questionamento que fazemos sobre eles com base na fundamentação teórica. É feita leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecimento de interrogações para identificação o que surge de relevante, como por exemplo, as estruturas relevantes dos atores sociais. Após, elabora-se as categorias específicas e determina-se o conjunto ou os conjuntos das informações presentes na comunicação. c) Análise final. Este é o momento onde se estabelece a articulação entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base nos objetivos. Isto promove relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, entre a teoria e a prática. O produto final da análise de uma pesquisa deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa⁶.

Análise Genealógica de Michel Foucault

A genealogia está articulada por Foucault a partir da década de 70, onde o interesse pelo discurso (arqueologia) é substituído pela ênfase nas formações discursivas (genealogia)⁷. O conceito de genealogia foi empregado por Foucault para designar a metodologia de sua obra. A trajetória indicada pelo filósofo descreve três etapas de análise problematizadas concomitantemente: as práticas discursivas que articulam o saber; as estratégias e as técnicas racionais que dinamizam o exercício do poder; e as formas e os modelos de relação consigo mesmo, pela qual o sujeito se constitui e se reconhece como sujeito.

A análise de discurso explicitada por Foucault, situa os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. A análise do discurso colocará regras nessa dispersão, as quais serão capazes de reger a sua formação. À rigor, essas regras determinam uma formação discursiva, cuja finalidade apresenta-se como um sistema de relações entre os objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias, nas quais, caracterizando a formação discursiva em sua singularidade, deslocam a passagem da dispersão para regularidade. A regularidade é atingida pela análise dos enunciados que constituem a formação discursiva.

A análise genealógica se constitui na busca de visibilidade em cada coisa. As questões

relativamente mais profundas são as mais superficiais. Isto não significa, contudo, que sejam triviais ou sem importância, apenas que seu significado deve ser buscado nas práticas superficiais e não em profundidades misteriosas⁸. A análise genealógica se efetiva na sistematização de categorias (categorias basilares) e na interpretação (representação do objeto de estudo). Para Foucault, o discurso é o limite ou o ponto de interseção entre saber e poder.

Análise Hermenêutica de Paul Ricoeur

A teoria da interpretação do ser, por meio do discurso, sendo a articulação significativa da estrutura compatível de ser no mundo, entre evento e sentido, origina-se na hermenêutica ou na ontologia da compreensão de Martin Heidegger⁹.

A trajetória de análise hermenêutica⁹ pressupõe a leitura inicial do texto, na qual se procura a compreensão ingênua deste, tomando-se o contexto inicial com as significações do mesmo; o distanciamento como condição necessária para a interpretação; a análise estrutural, a qual objetiva orientar o pesquisador no aprofundamento da semântica. Neste ponto, a releitura do texto de forma crítica é o que permite ao pesquisador explicar, interpretar e compreender o texto. A hermenêutica considera a frase como unidade de análise, seguida do parágrafo, da seção, do capítulo e finalmente todo texto. O significado representa-se como unidades de sentença.

Outra fase desta análise é a identificação das metáforas, pois estas são frutos da compreensão do texto no qual se procura os significados das falas, a luz do referencial do estudo. A apropriação é a última etapa e significa que o pesquisador está apto para a compreensão da metáfora do mundo do texto e do conjunto de imagens do mundo projetados na frente do texto.

Análise Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer

A hermenêutica é a busca de compreensão de sentido que se dá na comunicação entre os seres humanos. Esta forma de análise pensa a relação de oposição complementar entre interioridade/exterioridade e inclui o texto enquanto documento e como monumento numa relação dinâmica e permanente, viva e polissêmica. Apresenta-se como caminho do pensamento como via de encontro entre as ciências sociais e a filosofia. Consiste na explicação e interpretação de um pensamento¹⁰.

Os pressupostos da hermenêutica consideram o homem como ser histórico e finito e se complementa na comunicação, cuja compreensão, é também finita e ocupa um ponto no tempo e

espaço. A experiência hermenêutica tem que se relacionar com a retórica e com a práxis. Os temas centrais da hermenêutica são os conceitos de efeito histórico, preconceito, fusão de horizontes e diálogo e o jogo¹⁰. A análise dos achados nesta perspectiva pressupõe estar interrelacionados três processos: a análise temática; a análise de episódios ou incidentes específicos; e a busca da identificação dos paradigmas ou as forças nos particulares de padrões de significados.

Análise de Discurso de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi

A análise de discurso é um conceito relativamente jovem no campo de intersecção entre as ciências sociais e a lingüística. Seu criador é o filósofo francês Michel Pêcheux que fundou na década de 60, a Escola Francesa de Análise do Discurso com a proposta de substituir a análise de conteúdo tradicional.

O quadro epistemológico dessa proposta de trabalhar a linguagem articula três regiões do conhecimento: o Materialismo Histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, incluindo a idéia de ideologia; a Lingüística enquanto teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e a Teoria do Discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Estas três regiões do conhecimento estão perpassadas por uma Teoria da Subjetividade de natureza psicanalista para explicar o caráter recalcado na formação do significado.

O objetivo básico desta análise é realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos (religioso, filosófico, jurídico e sócio-político). Visa compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social.

Os pressupostos básicos segundo Pêcheux são: o sentido de uma palavra, de uma expressão ou de uma proposição não existe em si mesmo, mas expressa posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico nos quais as palavras e as expressões são produzidas; toda formação discursiva dissimula (pela transparência do sentido que nela se constitui) sua dependência das formações ideológicas¹¹. A análise do discurso se inscreve numa sociologia do discurso, tendo como hipótese básica o fato de que o discurso é determinado por condições de produção e por um sistema lingüístico.

A Análise de Discurso busca ser uma proposta crítica que pretende problematizar as formas de reflexão estabelecidas, a situa enquanto objeto teórico e pressupõe a lingüística, mas se

destaca dela. Não é nem uma teoria descritiva, nem uma teoria explicativa, e pretende ser uma teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação¹². Considera como fato fundamental, a relação necessária entre a linguagem e o contexto de produção, juntando para compreensão do texto, as teorias das formações sociais e as teorias da sintaxe e da enunciação. Por sua especificidade ela é cisionista em dois sentidos: problematiza as evidências e explicita o seu caráter ideológico, revela que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia; denuncia o encobrimento das formas de dominação política que se manifestam numa razão disciplinar e instrumental.

A análise de discurso do ponto de vista de olhar a linguagem enquanto lugar do debate e do conflito¹². O texto é tomado enquanto unidade significativa e pragmática e é portador do contexto situacional expresso pelo sentido. O que cria a análise do discurso é o ponto de vista das condições de produção do texto, que é considerado como um monumento e sua exterioridade como parte constitutiva da historicidade inscrita nele. A situação está atestada no texto. Os conceitos principais na análise de discurso crítica são: a definição de texto, a reflexão sobre as possibilidades da leitura, os tipos de discurso, o sentido do silêncio, o caráter recalcado da matriz do sentido.

O texto é considerado como uma unidade de análise (unidade complexa de significações), uma palavra (um conjunto de frases ou um documento maior). Pode também ser visto como um conceito analítico de discurso acabado para fins de análise, corpus completo, infinitamente acabado e um jogo de múltiplas possibilidades interpretativas.

O discurso é um conceito teórico metodológico, é linguagem em interação ou efeito de superfície de relações estabelecidas e do contexto da linguagem. Portanto, o texto é o espaço para ser observado o fenômeno da linguagem: ele contém a totalidade. A totalidade do texto se revela em três dimensões de argumentação: relações de força (lugares sociais e posição do locutor e do interlocutor); relação de sentido (interligação existente entre este e vários discursos, o “coro de vozes” que se esconde em seu interior), relação de antecipação (a experiência ante projetada do locutor em relação ao lugar e à reação de seu ouvinte). Qualquer discurso é referidor, dialoga com outros discursos, é também é referido, produz - se sempre no interior de instituições e grupos que determinam quem fala o que, e como se fala, e em que momento¹².

Na leitura do texto é importante assinalar o silêncio, o qual possui suas condições de produção, é ambíguo e eloqüente, conseguido pelo opressor como uma forma de exclusão. O silêncio do oprimido pode expressar formas de resistência, portanto, o silêncio não é transparente e necessita ser compreendido através do dito e do não dito. Existem silêncios que dizem e há

também falas silenciadoras. Nem a fala nem o silêncio falam por si¹².

Cada tipo de discurso resulta de determinado funcionamento discursivo (lúdico, polêmico, autoritário) que permitem a construção de matrizes de interpretação dentro da linha que inspira o modelo teórico e o modelo estrutural.

A proposta operacional apresenta quatro fases: 1) Análise das palavras do texto (separação dos termos constituintes, análise dos adjetivos, dos substantivos, dos verbos, dos advérbios; 2) Análise das construções de frases; 3) Construção de uma rede semântica, intermediária entre o social e a gramática; 4) Consideração da produção social do texto como constitutivo de seu sentido¹².

Análise Iconográfica de Marisa Correia Hirata

Para a realização da análise iconográfica^{13,14}, indica três momentos: 1) descrição pré-iconográfica: é o momento de captação do sentido do fenômeno, onde penetramos no mundo dos motivos artísticos e observamos e examinamos a obra; 2) Análise Iconográfica: este momento nos permite ver o motivo da obra como portadora de um significado secundário ou convencional. É o momento da imaginação do artista, formado por histórias e alegóricas, com identificação correta dos motivos e garimpagem de diferentes condições históricas, da familiaridade com as fontes, juntando bagagem para a interpretação com a temática; 3) Interpretação Iconográfica ou análise iconográfica propriamente dita: é o momento do desvelamento e captação do significado intrínseco e essencial da obra, o qual comporta valores simbólicos, traduz as representações sociais e está subjacente aos fenômenos e aos significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proporcionou a possibilidade de visionar a pesquisa e a análise histórica, sob uma perspectiva de movimento/dinamicidade, compreendendo a sociedade e suas práticas a partir dos seus discursos. Percebemos a importância de compreender os paradigmas que orientam a pesquisa histórica no momento atual, as implicações decorrentes da ampliação do conceito de fonte histórica e suas possibilidades para um mundo não textual, sendo testemunho e discurso de determinado tempo histórico.

Em relação à análise, interpretação e compreensão dos significados e sentidos existentes nas fontes históricas acreditamos que esta deve iniciar-se a partir de um protótipo teórico-

filosófico e metodológico articulado nas evidências do contexto histórico e do tema em questão.

Partilhamos do consenso e do entendimento que o saber e o conhecimento histórico na contemporaneidade estão fundamentados em diversas matrizes paradigmáticas da ciência e na interdisciplinaridade do fazer e construir/reconstruir uma nova escrita da histórica, e isto exige uma formação atualizada/ampliada do pesquisador histórico nas múltiplas disciplinas que constituem este conhecimento. Faz-se necessário encontrar uma congruência entre os diversos modelos de conhecimento histórico visando construir um modelo epistemológico que contemple os aspectos explicativos/compreensivos e narrativos do discurso histórico, ou seja, imprimir um olhar filosófico aos fenômeno/fontes/documentos/monumentos/ em toda sua complexidade.

A idéia/ síntese que projetamos com este trabalho, é que as possibilidades das diversas formas de análise documental, somente são reais, se estiverem ancoradas nas evidências do contexto histórico e em uma concepção teórico-filosófica articulada na realidade do estudo proposto pelo pesquisador.

REFERÊNCIAS:

- 1 Le Goff Jaques. A história nova. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- 2 Barros Jose d' Assunção. O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, R.J.:Vozes, 2005, 235p.
- 3 Burke Peter. A nova escrita da história. São Paulo: Editora UNESP; 1992.
- 4 Padilha Maria Itayra; Borenstein Miriam Susskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. Texto e Contexto Enferm. 2005 Out-Dez; 14(4): 575-600.
- 5 Bardin Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
- 6 Minayo Maria Cecilia de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. Sao Paulo: HUCITEC; 2004.
- 7 Padilha, Maria Itayra Coelho de Souza . A mística do silêncio - a prática de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Pelotas: Paloci ed. 1998.
- 8 Foucault Michel. Microfísica do poder. 26ª ed. Rio de Janeiro: Graal: 2008.
- 9 Ricouer Paul. Análise do saber histórico. Rio de Janeiro: Graal: 1975.
- 10 Gadamer Hans G. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Rio de Janeiro: Vozes; 2002.
- 11 Pecheux, Michel. Semântica e Discurso, uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.
- 12 Orlandi, **Eni** Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento : as formas do discurso. 4. ed.

Campinas: Pontes, 1996. 276 p

13 Hirata Maria Cristina. Iconografia do aleitamento materno.In: Congreso Internacional Y Nacional de la Enfermeria, 2003, Yi, Alcalá de Henares – Espanha. Livro de Actas. Universidad de Alcalá. Servicio de Publicaciones, 2003.p.63-68.

14 Hirata, Maria Cristina. Iconography and nursing. why and how? *Online Brazilian Journal of Nursing* (OBJN ISSN 1676-4285) v.2, n.2, 2003 [Online]. Available at: www.uff.br/nepae/objn202hirata.htm